

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

FRANCISCO DE ASSIS SILVA LIMA

RESISTINDO ATRÁS DOS RAMOS: considerações sobre prazer e sofrimento no
trabalho de uma profissional do sexo em São Luís - MA

São Luís
2019

FRANCISCO DE ASSIS SILVA LIMA

RESISTINDO ATRÁS DOS RAMOS: considerações sobre prazer e sofrimento no trabalho de uma profissional do sexo em São Luís - MA

Monografia apresentada ao curso de Psicologia, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia com Formação de Psicólogo.
Orientador: Prof. Dr. Thiago Pereira Lima.

São Luís

2019

Lima, Francisco de Assis Silva.

Resistindo atrás dos ramos : considerações sobre prazer e sofrimento no trabalho de uma profissional do sexo em São Luís - MA / Francisco de Assis Silva Lima. - 2019.

48 f.

Orientador(a): Thiago Pereira Lima.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Prazer. 2. Prostituição feminina. 3. Sofrimento.
4. Trabalho. I. Lima, Thiago Pereira. II. Título.

FRANCISCO DE ASSIS SILVA LIMA

RESISTINDO ATRÁS DOS RAMOS: considerações sobre prazer e sofrimento no trabalho de uma profissional do sexo em São Luís - MA

Monografia apresentada ao curso de Psicologia, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia com Formação de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Pereira Lima.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Pereira Lima (Orientador)
Doutor em Políticas Públicas
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Denise Bessa Léda (Examinadora)
Doutora em Psicologia Social
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Igor Bergamo Anjos Gomes (Examinador)
Doutor em Ciências Sociais
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Sandra Maria Nascimento Sousa (Suplente)
Doutora em Ciências Sociais
Universidade Federal do Maranhão

Às prostitutas. Em especial, às ludovicenses.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me deu forças quando não tive, iluminando minhas escolhas no caminho inconstante que é o ensino superior. Com Ele, pude conquistar.

Agradeço à minha mãe Evanira, nobre guerreira que tanto me deu amor esse tempo todo, principalmente quando dividimos o mesmo luto, e quando unidos enfrentamos tantas outras batalhas. A maior delas, sem dúvida alguma, vencemos juntos. Meu muito obrigado.

Agradeço ao meu pai Joseuni, o eterno *Seu Joca*, de quem sempre tive muito orgulho pelo Mestre e educador que foi. Hoje, demonstro minha gratidão ao defender a monografia no dia do seu aniversário. Sei o quanto quis ter um filho graduado. Meu muito obrigado.

Agradeço à minha companheira Morgana, quem tanto me incentivou a chegar até aqui, ouvindo minhas angústias e me ensinando diariamente a ser uma pessoa melhor. Por sua ajuda, suas palavras, pelo amor... Sou feliz por tê-la ao meu lado. Meu muito obrigado.

Agradeço à minha irmã Josane, que entrou comigo na graduação em Psicologia, com quem convivo há décadas, que me ensinou e perdoou inúmeras vezes. Sou muito grato.

Agradeço à minha família, pelo afeto e motivação. Em especial, aos primos Alberth, Yuri, Yarley e Carlos Vitor. Ao tio e Dr. Wallace Sena, pelo direcionamento tão oportuno. Agradeço em memória dos que partiram, especialmente ao meu primo Juninho, à minha avó Eunice e ao meu tio José de Ribamar. Quanta saudade da eterna *Menina Zeka*!

Agradeço aos colegas de universidade ao longo dos últimos 5 anos. Ray, Padilha, Victor, Nicolau... Guardarei os *conselhos jackais*, os "cortes psicanalíticos" e nunca esquecerei que o movimento é de si por si. Gratidão ao companheiro Luiz Felipe, com quem aprendi a ouvir o diferente e a não desistir sem tentar. A Jonas, pela empatia e solicitude. Às companheiras de estágio. E a quem me vendeu o livro *Os Grandes Mestres da Psicologia*!

Agradeço aos parceiros de vida, que tanto me apoiaram. Bruno, Matheus, André, David, Deyvison, Eduardo, Débora, Isaac, Edson, Hudson, Sostenes, Huan, João. Ao Pastor Gilson. Ao amigo e médico Danniell Gonçalves. Especialmente, ao meu acolhedor terapeuta.

Agradeço ao DEPSI por tudo! Em especial, ao Lucas Sá, Jadir Lessa, Jean Marlos, Francisca Silveira e Denise Bessa. Agradeço, ainda, a todos os *orientadores* que tive: Plínio, Wellington, Roberto, Igor, Sandra e Thiago! Por fim, enorme gratidão ao supervisor Renato.

Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres que só dizem sim
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim
E se tiveres renda
Aceito uma prenda
Qualquer coisa assim
Como uma pedra falsa
Um sonho de valsa
Ou um corte de cetim
E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia luz
E te farei, vaidoso, supor
Que és o maior e que me possuis
Mas na manhã seguinte
Não conta até vinte, te afasta de mim
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim

Folhetim – Chico Buarque

RESUMO

A despeito de ser considerada uma das profissões mais antigas das quais se tem relato, a prática prostitucional ainda carece bastante de investigações, no campo da Psicologia, relativas ao modo como quem a exerce percebe seu trabalho. Questiona-se, por exemplo, sobre quais motivações levam suas praticantes a tal ofício. Já que se trata de uma prática que remonta à Antiguidade, como ela tem se sustentado ao longo dos séculos? Estaria, então, mais atrelada ao sofrimento, ao prazer, ou as duas dimensões se articulam? Sabe-se que a satisfação no trabalho é fundamental para vivências de prazer. De igual modo, progressivas frustrações, aliadas ao distanciamento de se realizar profissionalmente, tendem a produzir vivências de sofrimento psíquico no ambiente laboral. Sendo assim, os objetivos da presente pesquisa foram: compreender a dinâmica de prazer e sofrimento no trabalho de uma profissional do sexo de São Luís - MA; investigar o perfil socioeconômico da prostituta colaboradora; investigar as principais motivações latentes e manifestas para seu ingresso na prática prostitucional; compreender a percepção da garota entrevistada sobre seu trabalho. Para tanto, além da revisão bibliográfica construindo a fundamentação teórica, a pesquisa aqui discutida teve por base o método qualitativo, através de um estudo de caso, sendo utilizado o instrumento da entrevista semiestruturada, à qual a prostituta colaboradora foi submetida. Os dados coletados foram analisados a partir da *Análise de Conteúdo de Bardin*, através de uma categorização temática pautada no discurso da profissional entrevistada. Prostituta oriunda da classe média aos 24 anos, ganha a vida no ofício há 3 anos, custeando seus estudos e aluguel. De tal modo, a referida prostituta afirmou ser feliz no ofício ocupado, apesar das adversidades inerentes ao seu trabalho, como a distância da família e o consumo diário de substâncias psicoativas. Portanto, é relevante o presente estudo ao explicitar o fenômeno da prostituição e, com isso, ampliar discussões relativas ao tema na esfera social e da Psicologia, visando minimizar estigmas e preconceitos. Os resultados e a discussão evidenciaram uma entrada precoce no mundo da sexualidade a partir de um abuso sofrido na infância pela colaboradora. *Scarlett*, nome fictício dado a ela, fala sobre o dinheiro como força motriz de sua prática. A distância da filha, por sua vez, mostrou-se uma frequente razão de sofrimento, impulsionado pelo consumo diário de substâncias entorpecentes. De tal modo, é inequívoco dizer que prazer e sofrimento são categorias inerentes ao ofício prostitucional, com base no relato da participante e na revisão bibliográfica que embasa a pesquisa. Esses componentes se entrelaçam no trabalho da entrevistada, cuja história, a depender do ponto de vista, pode estar mais envolvida em aspectos positivos ou em aspectos negativos no trabalho. Evidentemente, os resultados aqui discutidos ampliam o leque informativo da Psicologia sobre a prostituição feminina, fomentando o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à saúde de uma classe que resiste ao tempo e ao preconceito.

Palavras-chave: Trabalho. Prostituição Feminina. Prazer. Sofrimento.

ABSTRACT

Despite being considered one of the oldest professions in history, the prostitution practice still lacks enough research in the field of Psychology concerning the way in which the practitioner perceives his work. For example, the question is asked about what motivations their practitioners take to such an office. Since it is a practice that goes back to antiquity, how has it been sustained over the centuries? Was it then more tied to suffering, to pleasure, or were the two dimensions articulated? It is known that job satisfaction is fundamental to experiencing pleasure. Likewise, progressive frustrations, coupled with the distance from being professionally performed, tend to produce experiences of psychological suffering in the work environment. Thus, the objectives of the present research were: to understand the pleasure and suffering dynamics in the work of a sex worker from São Luis-MA; to investigate the socioeconomic profile of the collaborating prostitute; to investigate the main latent and manifest motivations for their entry into the pro-active practice; understand the girl interviewed about her work. Therefore, in addition to the literature review building the theoretical foundation, the research discussed here was based on the qualitative method, through a case study, using the semi-structured interview instrument, to which the collaborating prostitute was submitted. The data collected were analyzed from the Bardin Content Analysis, through a thematic categorization based on the interviewed professional's discourse. A prostitute from the middle class at the age of 24, she earns her living in the trade for 3 years, paying her tuition and rent. Thus, the prostitute said she was happy in her job, despite the adversities inherent in her work, such as distance from her family and daily consumption of psychoactive substances. Therefore, the present study is relevant when explaining the phenomenon of prostitution and, with this, to expand discussions related to the theme in the social sphere and of Psychology, aiming at minimizing stigmas and prejudices. The results and the discussion showed an early entry into the world of sexuality from an abuse suffered in childhood by the collaborator. Scarlett, the fictitious name given to her, talks about money as the driving force of her practice. The distance of the daughter, in turn, was a frequent reason for suffering, driven by the daily consumption of narcotic substances. Thus, it is unequivocal to say that pleasure and suffering are categories inherent to the prostitutional office, based on the participant's report and the bibliographic review that bases the research. These components intertwine in the interviewee's work, whose story, depending on the point of view, may be more involved in positives or negative aspects at work. Evidently, the results discussed here expand the informative range of Psychology on female prostitution, promoting the development of public policies aimed at the health of a class that resists time and prejudice.

Keywords: Work. Female prostitution. Pleasure. Suffering.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Trabalho: concepções iniciais sobre prazer e sofrimento	15
2.2 As faces da prostituição	16
2.2.1 <i>Uma breve história da prostituição e a vida detrás dos ramos</i>	16
2.2.2 <i>Um "puta" prazer</i>	17
2.2.3 <i>Um "puta" sofrimento</i>	18
2.2.4 <i>Prostituição e gênero</i>	21
2.2.5 <i>Prostituição, política e direito</i>	22
3. OBJETIVOS	24
3.1 Objetivo geral	24
3.2 Objetivos específicos	24
4. METODOLOGIA	25
4.1 Aspectos éticos	25
4.2 Amostra	25
4.3 Local	25
4.4 Instrumentos e materiais	26
4.5 Procedimentos de coleta e análise de dados	26
5. RESULTADOS	27
5.1 Perfil da profissional do sexo colaboradora	27
5.2 Transcrição da entrevista	27
6. DISCUSSÃO	32
6.1 Análise do perfil da colaboradora	32
6.2 Análise da entrevista	32
6.2.1 <i>História</i>	33
6.2.2 <i>Prazer</i>	34
6.2.3 <i>Sufrimento</i>	35
6.2.4 <i>Consumo de substâncias</i>	36
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
8. REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES	

1. INTRODUÇÃO

A despeito de se ter no ofício prostitucional uma das profissões mais antigas do mundo, em virtude da infinidade de significados e motivações para sua manutenção ao longo da história, a prostituição ainda carrega uma série de rotulações reforçadas sob uma esfera moralmente negativa. Por isso, afirmar este trabalho pode acarretar diversas represálias sociais, porquanto os serviços oferecidos por quem adere a essa prática não costumam ter amparo legal, religioso e social. Em via parecida, o apoio político ainda é discreto, embora existam várias organizações da classe, como a Rede Brasileira de Prostitutas. Exemplo disto é ausência de políticas públicas eficazes de apoio às profissionais do sexo, além da leniência parlamentar frente a projetos como o "Gabriela Leite" (PL 4211/12), hoje arquivado, de autoria do então Deputado Federal Jean Wyllys. Tal propositura versava pela regulamentação do ofício prostitucional no Brasil, que permanece apenas legalizado.

De fato, o estigma social atrelado à prostituição reflete um discurso preconceituoso. Na contramão dele, pode-se observar casos em que entrar no ramo é uma saída à subsistência própria e familiar, em virtude do avanço do desemprego e da crise econômica. Dessa forma, a prostituição se torna o único meio rentável, e o corpo o único bem a se negociar; uma espécie de produto que retorna à prateleira após o consumo. Percebe-se, então, um comércio de si por si através da exposição corpo, o qual também é exposto a uma série de riscos dos quais as prostitutas não podem se desvencilhar. A exemplo de tais ameaças, cabe citar a possibilidade de se contrair infecções sexualmente transmissíveis, além do risco de sofrer violência cometida pelo próprio cliente, como aponta Filho (2014). Ademais, Bonifácio e Tilio (2016) perceberam uma separação de identidade entre o trabalho e a vida pessoal das prostitutas, devido a tudo que elas enfrentam: uma identidade para a vida profissional e uma à vida social.

Vale ressaltar, porém, que nem sempre a prostituição significou a destruição de si mesma, uma visão que é muito presente até em dicionários brasileiros de língua portuguesa, a exemplo do Aurélio (2010). Houve períodos em que a prática esteve atrelada a rituais específicos, em louvor à Deusa da fertilidade, em cujos momentos essas mulheres eram consideradas importantes e sagradas (ROBERTS, 1998). Inclusive, os presentes nos ritos lançavam moedas às prostitutas como forma de tributo. Séculos depois, no início do Renascimento, algumas prostitutas até utilizavam ramos na frente dos bordéis ou de suas casas para que os viajantes e possíveis clientes soubessem que ali ofereciam seu trabalho. (HOUAISS; VILLAR, 2001). Evidentemente, havia mais respeito à atividade prostitucional,

diferentemente dos dias de hoje, em que se prostituir costuma significar desonra a quem o faz, inclusive na forma do termo hoje depreciativo "rameira".

De fato, a atual mercantilização do sexo feminino na forma de corpo vendável constitui-se como entrave social, produzindo recriminações tanto para quem oferece, quanto para quem se aproveita de tal prática (FEIJÓ; PEREIRA, 2014). Isso possibilita alguns questionamentos relativos ao modo como quem se submete – ou é submetido – à prostituição lida com essas situações e busca atingir um equilíbrio psíquico. Ou seja, como lidam com as adversidades do trabalho e mantêm a saúde do corpo e da mente. Por essa razão, em face da grande possibilidade de sofrimento por parte das profissionais do sexo com a falta de reconhecimento, reafirmação pessoal, além de outras questões aqui apresentadas, faz-se evidente uma necessidade de se analisar as categorias prazer e sofrimento no trabalho dessas profissionais. A esse respeito, aponta-se que:

Na atuação das profissionais do sexo, elas têm que enfrentar a precariedade, os riscos e o medo dentro de seu trabalho. Tendo que realizar o seu trabalho com clientes desconhecidos, não sabendo se o cliente possui alguma doença ou se o mesmo possui uma personalidade violenta. Visto que alguns clientes vêem a profissão como algo banal e sem valor, justificam o comportamento violento por estas características preconceituosas (FILHO, 2014, p.121).

No entanto, em sentido oposto aos preconceitos e à maioria das profissionais do sexo, existem aquelas que afirmam sentir prazer e autonomia a partir de seu trabalho, movimentadas por satisfações e fantasias pessoais. Aqui, a subsistência familiar não é a necessidade ou motivo maior de sua permanência no ofício. Caso semelhante que pode ser aplicado a esta situação foi o da escritora brasileira Raquel Pacheco, a qual ficou conhecida pelo pseudônimo de *Bruna Surfistinha*, uma prostituta oriunda da classe média que chegou até a encenar filmes pornográficos. A esse respeito, Guimarães e Bruns (2010) discutem o modo autônomo de ser profissional do sexo a partir de entrevistas com prostitutas de luxo, as quais corroboram no discurso a ideia de prazer como sustento de sua prática. Em outras palavras, pensar a prostituição apenas como sofrimento traduz-se em reducionismo frente às possibilidades de ser e realizar-se na referida atividade laboral.

Neste aspecto, o exercício da livre sexualidade possui um lugar importante na manutenção do ato de se prostituir, como aponta Leite (2005). Inclusive, a referida autora afirma que a mulher prostituta reforça sua autonomia, no tocante às relações de gênero, ao quebrar padrões de submissão feminina por viver aos seus moldes (LEITE, 2005), relacionando-se livremente com seus clientes. Aqui, seguindo a lógica do prazer como alicerce à prostituição, vale ressaltar que os encontros sexuais também podem ser amorosos.

Isso porque algumas prostitutas costumam ter no cliente a sensação de companhia e carinho, numa troca afetiva que ultrapassa as barreiras do pagamento material, já que existem clientes que se envolvem e tornam a relação mais segura, como namoro (GUIMARÃES; BRUNS, 2010).

Ora, a profissional do sexo é, antes de tudo, um ser humano. Sendo assim, essa condição lhe possibilita vivenciar uma infinidade de sensações e sentimentos nas mais diversas situações de sua vida, inclusive nos relacionamentos afetivos – como qualquer assalariado dito tradicional. E muito embora não tenham seu ofício regulamentado em muitos lugares, como é o caso do Brasil, costumam driblar isso por intermédio do usufruto de sua autonomia no trabalho. Algumas até se impõem carga horária fixa, metas e objetivos relativos à sua atividade, que lhes é flexível. Sendo assim, parafraseando Carneiro (2014), a soma dos fatores amor, trabalho e autonomia podem trazer felicidade em qualquer profissão, inclusive no ofício prostitucional. Em outras palavras, a mulher prostituta pode ser feliz independentemente do que pensem os homens, desde que saiba claramente os riscos e a transitoriedade da profissão mediante sua autonomia e liberdade (CARNEIRO, 2014).

Por outro lado, apesar do exposto até o momento, é importante citar a ausência de atividades acadêmicas sobre a temática da prostituição no curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão. Isso porque, embora vigente há décadas, nenhum projeto monográfico que aborde o trabalho de profissionais do sexo foi apresentado durante esse tempo na referida graduação. Aliás, essa realidade chega até mesmo ao curso de Serviço Social da mesma instituição, em cujo acervo virtual foi encontrado apenas um trabalho de conclusão de curso voltado para vivências de profissionais do sexo; realidade semelhante à do curso de Direito. Ora, se o avanço no ensino, pesquisa e extensão caracterizam-se como força motriz dos grandes centros universitários, torna-se imprescindível percorrer caminhos que ainda não foram trilhados na promoção de estudos que apoiem e contribuam às ciências – aqui, especialmente, à Psicologia.

É de fundamental relevância, portanto, o desenvolvimento de um estudo que contribua às esferas social, política e da saúde no que diz respeito ao exercício prostitucional. Por isso, o presente trabalho objetivou a análise e compreensão das categorias prazer e sofrimento vivenciadas na prostituição feminina, com interesse pessoal motivado, dentre outras razões, pela observância da vulnerabilidade à qual as prostitutas permanecem expostas. Assim, mediante vivências pessoais com ex-prostitutas e leituras sobre o assunto, pesam os

questionamentos: quais os principais componentes que sustentam o exercício prostitucional a despeito dos estigmas relativos a essa prática? É mais fácil se esconder atrás de uma outra identidade, ou é possível ser plenamente feliz enquanto profissional do sexo, assumindo-se de fato prostituta? E como essas profissionais concebem seu ofício, a despeito da falta de um devido amparo legal trabalhista?

Por meio dessa problematização, a proposta de pesquisa foi utilizar o método qualitativo ao fazer um estudo de caso, com o instrumento da entrevista semiestruturada, cujo roteiro está descrito na seção **Metodologia** desse estudo. A entrevista, feita no local de trabalho da participante, foi gravada e transcrita na íntegra. Vale dizer que a colaboradora possuía 24 anos, sendo pelo menos 3 destes na prostituição. Realmente, importa analisar as categorias de prazer e sofrimento no serviço prestado pelas profissionais do sexo, possibilitando a escuta de seu universo singular. Dessa forma, é possível construir novas reflexões, conhecimentos e ressignificações sobre essa temática, vislumbrando desmitificar a prostituição, derrubar pré-conceitos e estigmas ainda muito presentes na contemporaneidade. Mais que isso, é possível contribuir, do ponto de vista teórico-metodológico, à ciência e profissão da Psicologia no tocante à prostituição feminina.

Posteriormente, as outras seções apresentarão o viés da Psicodinâmica do Trabalho sobre prazer e sofrimento, antes de serem discutidas "as faces" da prostituição, percorrendo sua história e mergulhando em diferentes modalidades de se pensar a referida atividade laboral. Ademais, serão apresentados os objetivos da pesquisa aqui desenvolvida, além da descrição do método utilizado para se analisar os resultados discutidos ao longo do estudo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Trabalho: concepções iniciais sobre prazer e sofrimento

A relação humana com o trabalho sempre existiu, através do histórico empenho de forças em uma determinada prática para um objetivo específico. Assim, a produção da subjetividade atrelada aos diversos setores de serviço tem atravessado as mais diferentes épocas e civilizações, por meio de questões e significados próprios a cada sujeito trabalhador. Corroborando o exposto, o termo trabalho surge no dicionário como "aplicação de forças e faculdades humanas para alcançar determinado fim" (FERREIRA, 2001, p.679). Tal definição permite um questionamento sobre possíveis efeitos dos níveis de satisfação que o trabalhador vivencia, independentemente do ofício ocupado por ele: ora, fazer uso de força física e/ou intelectual para uma devida finalidade sempre resultará no prazer, ou pode gerar sofrimento?

Sobre essas questões, existe uma gama de estudos voltados à satisfação no ambiente laboral, em torno dos quais está situado o arcabouço teórico da Psicodinâmica do Trabalho. Originada em território francês, na década de 1980, a teoria surge por intermédio do médico Christophe Dejours. Um de seus questionamentos clássicos era "como fazem os trabalhadores para resistir aos ataques ao funcionamento psíquico provocados pelo trabalho? O que fazem para não ficar loucos?" (DEJOURS, 2015, p.9). De tal forma, a normalidade tinha um enorme peso em seus estudos, juntamente às questões de prazer e sofrimento atreladas ao trabalho.

No que tange ao prazer experimentado no trabalho, trata-se de uma categoria que varia de acordo com o nível de satisfação daquele que empenha suas forças. Por exemplo, o reconhecimento mediante o esforço no ofício é uma recompensa simbólica fundamental para a garantia do sentido naquilo que se realiza (MAGNUS; MERLO, 2015). Um trabalhador satisfeito é aquele cujo ambiente em que exerce sua profissão lhe garante saúde, no qual possa exercer livremente seu modo de ser. Em outras palavras, a liberdade no trabalho, a despeito das regras impostas pela organização, permite ao trabalhador mais prazer em sua prática.

Por outro lado, quando não se atende às expectativas no trabalho, faltando motivação ao trabalhador, pode-se dizer que haverá maior probabilidade deste experimentar sofrimento psíquico. Vale ressaltar, porém, que toda vivência de prazer ou sofrimento depende de fatores próprios a cada um, como suas questões subjetivas e histórias de vida. Sendo assim, tanto prazer quanto sofrimento são vivências subjetivas. Em outras palavras, cada sujeito reagirá de acordo com seu funcionamento psíquico no que diz respeito às vivências de prazer e de sofrimento.

2.2 As faces da prostituição

2.2.1 *Uma breve história da prostituição e a vida detrás dos ramos*

Ainda no período que se convencionou chamar pré-história, o importante papel da fertilidade agrícola atrelado à ideia da procriação garantia à mulher um lugar no sagrado, porquanto eram elas que costumavam coletar os alimentos e "ter a honra de gerar filhos" (GUIMARÃES; BRUNS, 2010, p.21). Isso porque os homens, até então, concentravam-se nas atividades da caça e pesca, desconhecendo seu papel na fecundação. Assim, configurando-se como matriarcal, a sociedade endeusava o feminino, inclusive louvando a Deusa da Fertilidade através de rituais costumeiros nos quais até se fazia sexo grupal. Logo, a figura da prostituta era mais que essencial; era sagrada (ROBERTS, 1998). As pessoas percebiam como honrosa a participação nas orgias de rituais específicos, independentemente de praticarem o ato sexual ou apenas assistirem. Em outras palavras, exaltavam a congruência entre a sexualidade e a espiritualidade, representada na figura da mulher e, por extensão, na prostituta.

O próprio Estado ateniense chegou a permitir a prostituição, cobrando impostos às prostitutas em virtude do valor que representavam (ROBERTS, 1998). Séculos à frente, já no momento histórico designado como Renascimento, muitas prostitutas eram frequentemente contratadas para grandes orgias cristãs às escondidas, enquanto outras ofereciam seus dotes e prazeres sexuais nas feiras de Roma, livremente. Nessa época, na qual o corpo era veemente considerado uma nobre fonte de beleza – em contraposição ao medievalismo que o propunha como fonte de pecados –, cultivar prazeres sexuais era algo mais comum. Devido a epidemias de sífilis, diga-se de passagem, houve fechamento de vários prostíbulos na Europa, contribuindo para a marginalização de prostitutas àquela época. Muitas delas aproveitaram o momento de afastamento dos centros urbanos para indicar seus trabalhos através de folhas e ramos sobre a murada dos recintos distantes em que trabalhavam, o que deu origem ao termo "rameira" que popularmente refere-se às profissionais do sexo. (HOUAISS; VILLAR, 2001).

Além disso, o ofício prostitucional encontrou no patriarcalismo consolidado ao longo dos séculos suas principais raízes de estigmas negativos que atravessam essa prática. Isso porque, ao somar forças com o viés patriarcal, o moralismo cristão que apregoa "os bons costumes" rotula as profissionais do sexo como desonradas por si mesmas, de cujos deleites os considerados homens de bem devem fugir. Apesar disso, Roberts (1998) considera que as prostitutas na Idade Média eram "um mal necessário", já que possibilitavam aos homens

aliviar suas tensões sexuais preservando a pureza das virgens. Realmente, as rotulações não surgiram ao acaso. Sobre isso, a Bíblia Sagrada do Cristianismo descreve a prostituta nos seguintes moldes:

Ela é espalhafatosa e provocadora, seus pés nunca param em casa; uma hora na rua, outra nas praças, em cada esquina fica à espreita Não deixe que o seu coração se volte para os caminhos dela, nem se perca em tais veredas. Muitas foram as suas vítimas; os que matou são uma grande multidão. A casa dela é um caminho que desce para a sepultura, para as moradas da morte (Provérbios Capítulo 7, Versículos 11-12, 25-27).

Hoje, as consequências desses estigmas perpassam por diversas esferas, que vão desde a ausência de políticas públicas de saúde voltadas para as profissionais do sexo até a leniência estatal em relação ao estabelecimento de direitos trabalhistas específicos às prostitutas. Dessa forma, muitas delas "têm descido à sepultura" realmente, dadas a sua marginalização.

2.2.2 Um "puta" prazer

Pensando a prostituição enquanto fenômeno laboral que pode ser apoiado no prazer, em um caminho oposto àquele percorrido pela maioria das profissionais do sexo, o presente tópico se propõe a discutir os componentes prazerosos que sustentam esse ofício, tendo por base relatos e pesquisas aqui referenciados.

Inicialmente, pensando o dinheiro enquanto componente prazeroso da atividade prostitucional, convém lembrar que este simboliza um meio de pagamento, como consta no Minidicionário Aurélio (FERREIRA, 2001). Assim, possui significados distintos a cada grupo a que é imposto, razão pela qual muitas dessas atribuições são carregadas de sentimentos. Isso tende a orientar o comportamento financeiro do grupo com base nessa afetividade representativa para com o dinheiro e seu significado pessoal (ROSA; MILANI, 2014).

Neste aspecto, a prostituição entra como peça importante nas engrenagens relativas ao lugar do dinheiro na vida de quem a exerce profissionalmente. Já que “[...] a necessidade de prestígio pode ser satisfeita por status social, sucesso profissional ou poder do dinheiro” (CHIAVENATO, 2014 a, p.125), o dinheiro recebido pelas prostitutas parece importante sustento ao seu ofício, porquanto este carece de status/prestígio social. Isso é corroborado em diversas pesquisas em que as profissionais do sexo entrevistadas comentam o valor relativo ao pagamento pelo serviço que elas prestam, podendo lhes garantir o que a mídia costuma apontar como ideal de felicidade, segundo Guimarães (2007). Nesse casos, ostentação, luxo e outros prazeres podem ser experimentados. Realmente, o dinheiro parece compor significativamente uma dimensão prazerosa no âmbito da prostituição; afinal, "se existe quem

vende prazer, é porque existe quem compra prazer" (BRUNS, 2001, p.15). Aqui, o consumo passa a ter certo destaque na relação prostituta-cliente.

De fato, dinheiro e consumo possuem forte relação no ofício prostitucional. Primeiramente, consumo no sentido do poder de compra que o dinheiro possibilita as garotas de programa, que ascendem à alta sociedade a partir da prostituição. Sobre isso, Gaspar (1985) afirma que as profissionais do sexo têm no dinheiro obtido com a prostituição um avanço no social, conhecendo ambientes e pessoas famosas, o que antes da prostituição poderia ser impossível. Assim, a relação consumo/prazer caminha em duplo sentido, na medida em que as mulheres consomem (financeiramente) a partir do resultado de seu próprio esforço no trabalho, enquanto clientes consomem os prazeres que elas oferecem no ofício.

Vale comentar, ainda, um outro ponto que aparece com frequência no discurso das prostitutas entrevistadas, que é a sensação de liberdade que afirmam experimentar a partir de sua prática. Dizem que autonomia lhes é fundamental no exercício da sexualidade vivenciada de forma livre, deixando de lado os estigmas ao atingirem a satisfação, como aponta Calligaris (2005). Neste sentido, prostituir-se encontra amparo na liberdade de ser quem se deseja ser, frente ao sexo e ao cliente. Aliás, pensar a prostituição por si só parece evocar a noção de liberdade, uma vez que os estigmas sociais relativos a essa forma de trabalho já tendem a aprisionar quem o desenvolve. Neste aspecto, as prostitutas demonstram certa autonomia, na medida em que driblam o preconceito, a falta de amparo à sua prática e a exposição a uma série de perigos, simplesmente agindo aos seus moldes e desejos. E isso encontra base na própria definição da palavra autonomia, que segundo o dicionário Aurélio (2010) representa a faculdade de se governar por si mesmo, sem depender dos outros.

Portanto, ser profissional do sexo significa ir na contramão do aprisionamento estigmatizante promovido pelo discurso arcaico e preconceituoso que insiste em vigorar. Mais que isso, como já foi referenciado, significa quebrar padrões de submissão feminina (LEITE, 2005). Evidentemente, tal ofício pode trazer a sensação de liberdade a quem o pratica.

2.2.3 Um "puta" sofrimento

Mesmo em face dos componentes prazerosos relativos à prostituição, os quais porventura lhe tenham servido de sustento ao longo de sua história, as prostitutas ainda pagam um grande preço pelo exercício do próprio trabalho, numa espécie de pedágio a si mesmas na trajetória à subsistência e ao prazer. A esse respeito, Lins (2000) argumenta que os homens se

tornaram mais autoritários com as mulheres após perceberem que o sêmen era essencial para a reprodução humana. Assim, a mulher foi se tornando vítima de um preconceito crescente à medida em que foi sendo vista como mero símbolo de prazeres carnavais, não mais a representação divina da sagrada concepção humana.

De tal modo, convém discutir as visões que os dicionários apresentam sobre a prostituição. Por exemplo, segundo o dicionário de língua portuguesa UNESP (2004), a palavra prostituição significa "ato ou efeito de prostituir-se". Tomando-se por gatilho esta definição básica, buscou-se o significado do verbo "prostituir", o qual, tanto no referido dicionário quanto no Aurélio converge para "atitude de degradar-se; aviltar-se" (FERREIRA, 2001). Houve, por fim, achados de definições representadas por "ato de vender o corpo por dinheiro" (CUNHA, 2010). Sendo assim, é perceptível que o estigma do ofício prostitucional relativo a uma autodestruição transcende a barreira do social, atravessado por um viés moralmente negativo, porquanto até os dicionários de diferentes editoras definem essa prática como algo voltado para um aviltamento de si por si mesma. Mais que isso, uma degradação própria mediante a venda do corpo por dinheiro, traduzindo-se este corpo na forma de objeto a caminho das ruínas – a morte.

De tal modo, a prostituição representada nos dicionários torna possível simbolizar uma relação dupla, na qual a prostituta é objeto de desejo do outro, em torno do qual gira seu desejo pelo dinheiro independentemente de estar se destruindo. Isso acontece na medida em que prestador de serviço e cliente trocam simbolicamente de lugar, uma vez que um precisa atender ao desejo do outro. Por este aspecto, percebe-se uma barreira semântica no horizonte existencial das profissionais do sexo, aprisionando seu ofício ao viés moralista da destruição do corpo frente ao pagamento, além da exclusão de outros possíveis significados para a prostituição frente à singularidade de cada profissional. E, segundo apontam Gernet e Dejours (2011, p.65), "A validação do trabalho pelo reconhecimento conferido pelos outros contribui de maneira considerável para a construção do sentido do trabalho". Ora, como construir sentido em um trabalho não reconhecido socialmente, nem nas definições da língua natal?

Uma prostituta que, de acordo com Guimarães e Bruns (2010), tinha orgulho de seu ofício, hoje sofre uma série de represálias pela escolha profissional. De tal forma, entra em cena uma série de questionamentos acerca do modo como essa mulher lida sentimentalmente com suas atividades laborais. Vale ressaltar, neste sentido:

O trabalho tem, ainda, uma função psíquica: é um dos grandes alicerces de constituição do sujeito e de sua rede de significados. Processos como reconhecimento, gratificação, mobilização, mobilização da inteligência, mais do que relacionados à realização do trabalho, estão ligados à constituição da identidade e da subjetividade (LANCMAN, 2008, p. 31).

Já que o trabalho se constitui, psiquicamente, como um dos grandes alicerces do sujeito, reafirmando a sua identidade, tende a ser difícil para a prostituta uma autoafirmação e um realizar-se enquanto profissional em meio a uma sociedade que a reprova. Ora, se o trabalho mobiliza a gratificação e a rede de significados do sujeito, como a prostituta significa o serviço que oferece mediante a ausência de prestígio atrelado ao que faz? Assim, a consequência parece manter a mulher prostituta sendo vista como objeto, uma "[...] atriz da realidade que encena satisfação" (GUIMARÃES; BRUNS, 2010, p.48).

Além disso, em virtude da rotulação negativa acerca do ofício prostitucional, ainda não há uma regulamentação oficial brasileira para o trabalho das prostitutas, apesar de alguns projetos já terem sido apresentados ao parlamento. O que se pode encontrar é o reconhecimento da profissão na CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), mostrando faces do perigo e sofrimento vivenciados pelas profissionais do sexo:

Trabalham por conta própria, em locais diversos e horários irregulares. No exercício de algumas das atividades, podem estar expostos à intempérie e à discriminação social. Há ainda riscos de contágios de DST, e maus-tratos, violência de rua e morte. Para o exercício profissional requer-se que os trabalhadores participem de oficinas sobre sexo seguro, e o acesso à profissão é restrito aos maiores de dezoito anos (CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES, 2011, s/p.).

Ademais, existem outros fatores que podem influenciar a relação trabalho-saúde das profissionais do sexo. Por exemplo, elas não possuem horário fixo de serviço, já que dependem da disposição física e financeira do cliente, o que geralmente prejudica seu sono e acarreta baixa imunidade, além de uma sobrecarga de trabalho; às vezes negligenciam o uso de preservativo para que o valor do "programa" seja mais alto, o que as coloca em risco de contrair uma série de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs); em casos mais extremos, sofrem violência física e/ou sexual quando quem contrata seus serviços não se dispõe a pagar pelo que lhe foi oferecido. Percebe-se, aqui, uma problemática que encontra amparo nos estudos da psicopatologia do trabalho. Isso porque a falta de reconhecimento, a discriminação social, e a inconstância de horário são elementos que podem representar perigos ao corpo e acarretar sofrimento. A propósito, segundo Lancman (2008, p.34), a constituição da identidade é "[...] entendida como processo que se desenvolve ao longo de toda a vida do sujeito, e que está vinculada à noção de alteridade". Ou seja, o olhar do outro é essencial.

Por outro lado, a despeito de todo o sofrimento que muitas vezes é inerente ao trabalho das profissionais do sexo, nem sempre começar a se prostituir é um processo de escolha simples e "voluntário", pois há casos em que essa é uma das únicas opções disponíveis para sustento próprio e familiar. A esse respeito, Molina e Kodato (2005) julgam a crise econômica vivenciada por muitas mulheres como um dos maiores motivos que as levam a aderir a esse tipo de prestação de serviço como fonte de geração de renda rápida e suficiente para atender às suas necessidades. E como não precisam de pré-requisitos intelectuais para a entrada no ramo da prostituição, torna-se ainda mais prático submeter-se a um leque de possibilidades de sofrimentos em prol da subsistência, porquanto algumas "[...] não sabem ler, cozinhar, escrever. Só podem vender o único bem que possuem: o corpo" (DIMENSTEIN, 1992, p. 18).

É evidente, portanto, o peso de sustentar o lugar social no que tange à prostituição. Aliás, os estigmas não somente levam algumas profissionais do sexo a dividirem sua identidade entre o ambiente de trabalho e a vida social, mas também ao abuso de álcool e outras drogas frente às tensões do universo prostitucional (BONIFÁCIO; TÍLIO, 2016).

2.2.4 Prostituição e gênero

Pensar a prostituição partir das relações de gênero significa pensar o papel do homem e da mulher, estigmatizados, mediante a forma como foram construídos em relação a essa prática. Sobre isso, Saffioti (2004, p. 116) aponta que "[...] gênero diz respeito às representações do masculino e do feminino, às imagens construídas pela sociedade a propósito do masculino e do feminino, estando interrelacionadas". Sendo assim, como já foi discutido neste projeto e nos estudos referenciados, a mulher prostituta tende a ser vista como objeto, enquanto o homem, amparado no machismo promovido socialmente, representa o poder daquele que compra o prazer. Assim, essas "imagens-padrão" abrem espaço para reflexões sobre o papel que possuem cliente e prestadora de serviço no ofício prostitucional.

Por outro lado, apesar de pesquisas atenuarem o fato da mulher conseguir se libertar dos padrões a partir de sua autonomia no âmbito da prostituição, o estigma atrelado ao trabalho dessa classe ainda reverbera discursos que colocam a mulher como dependente do dinheiro do homem que a contrata. Sendo assim, alguns autores consideram esse ofício uma aproximação do machismo, ao considerarem que a mulher busca um cliente que a proteja, com quem possa construir laços afetivos e uma família longe do universo prostitucional (MARTIN, 2003).

Tais divergências de opiniões e resultados na literatura garantem maior necessidade do desenvolvimento da pesquisa aqui descrita. Afinal, é possível à prostituta gozar de plena liberdade no ofício em relação ao homem, ordenando preços e escolhendo clientes, ou é ilusório pensar o empoderamento feminino em um trabalho como a prostituição?

2.2.5 Prostituição, política e direito

Diferentemente das modalidades de emprego consideradas tradicionais, a prostituição não é tão acolhida em termos de políticas públicas específicas à classe, apesar de existirem campanhas de incentivo e conscientização sobre o trabalho nos Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA). Nesses lugares, é possível à população em geral fazer testes rápidos para identificação de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), para cujos resultados sempre há um profissional de prontidão que orienta o paciente. No entanto, como foi dito, é forma de se fazer política preventiva à sociedade como um todo, e não voltada exatamente às prostitutas, que permanecem marginalizadas quanto às políticas específicas ao grupo.

Por outro lado, já houve projetos de lei que versavam sobre a regulamentação do trabalho das profissionais do sexo, a fim de lhes garantir acessibilidade ao Direito do Trabalho, à segurança no ofício e ao respeito como classe. Um exemplo deles foi o Projeto de Lei 4.211/12, a "Lei Gabriela Leite", propositura do então Deputado Federal Jean Wyllys. A sua justificativa apresentava ideais como a fiscalização dos prostíbulos pelo poder estatal, redução da exploração sexual, menos exclusão da classe, além de um retorno à dignidade humana das prostitutas. Embora tocasse em pontos de interesse coletivo da classe, o projeto foi arquivado. Seu relator na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara, o Deputado Federal Pastor Eurico, argumentou que a prostituição objetifica o corpo feminino, o qual é atrelado a uma cadeia de consumo contrária à dignidade humana, devido ao trabalho.

Pensando o ponto de vista do direito, importa ressaltar que o ato isolado e individual de se prostituir não é tipificado como conduta ilegal de quem o pratica, nem passível de penalidade no âmbito do Código Penal Brasileiro. A propósito, seu título IV, no capítulo V, trata "Do lenocínio e do tráfico de pessoa para fins de prostituição ou outra forma de exploração sexual". Aqui, são considerados crimes a mediação para servir a lascívia de outrem (art.227), favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual (art.228), casa de prostituição (art. 229) e rufianismo (art.230), como discute Ferreira (2017). De tal modo, é considerado crime a exploração sexual em prostíbulos, a indução à prática sexual por dinheiro que objetiva satisfação de outrem, bem como tirar proveito da prostituição alheia,

que seria justamente a prática do rufianismo. Em todos os crimes, a prostituta é a maior vítima, o que alerta para a necessidade de haver maior fiscalização e justiça quanto à prática.

Diante do exposto, é evidente que há o marginalizado grupo das prostitutas, independentemente de sua classe social, precisa de maior assistência política em termos de saúde e segurança, visando à garantia de seus direitos e à promoção de respeito à classe.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral:

- Compreender a dinâmica de prazer e sofrimento no trabalho de uma profissional do sexo de São Luís.

3.2 Objetivos específicos:

- Investigar o perfil socioeconômico da profissional do sexo entrevistada;
- Compreender as principais razões para seu ingresso no ofício da prostituição;
- Analisar eventuais componentes prazerosos e de sofrimento construídos na dinâmica de trabalho da prostituta;
- Colaborar, do ponto de vista teórico-metodológico, na perspectiva da Psicologia, com os estudos sobre a prostituição feminina;

4. METODOLOGIA

4.1 Aspectos éticos

O presente estudo de caso faz parte de um projeto de pesquisa maior, intitulado "A dinâmica prazer-sofrimento no trabalho de profissionais do sexo: o que sentem as 'rameiras'?". Tal proposta foi apreciada eticamente via submissão à Plataforma Brasil (CAAE: 14040519.5.0000.5087), de parecer aceito (Nº **3.435.616**), em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regula os aspectos éticos no procedimento de construção dos projetos de pesquisa na área. Cabe dizer que o projeto avaliado não foi desenvolvido em virtude do prazo para a pesquisa ser realizada em tempo hábil para a conclusão do curso de Psicologia, uma vez que sua aprovação na Plataforma Brasil ultrapassou 40 dias em trâmite, além de ter havido mudança de orientação na pesquisa.

Seguindo padrões profissionais de sigilo, a entrevista foi combinada com o gerente da boate em que a participante atuava, o qual fez a mediação entre pesquisadores e a profissional colaboradora. De tal modo, foi concedido um espaço fechado em seu ambiente de trabalho, a fim de preservar o conteúdo da entrevista e as informações pessoais da participante do estudo, sem ser cobrado nenhum valor financeiro pelo espaço e tempo permanecido no referido local, embora um cliente estivesse esperando a colaboradora em outro quarto enquanto a mesma era entrevistada.

4.2 Amostra

Para o presente estudo de caso, foi entrevistada uma prostituta que atende a clientes em uma área da classe média de São Luís-MA. Como critério de inclusão, a participante da pesquisa precisaria ter idade entre 18 e 30 anos, com pelo menos 6 meses de experiência, a qual atuasse na referida cidade. Para tanto, a partir de uma conversa via telefone com um gerente de boate, o mesmo sugeriu e mediou o contato da prostituta que possibilitou o presente estudo. A colaboradora contatada possuía 24 anos, além de experiência de mais de 3 anos como prostituta, trabalhando na capital maranhense. Aqui, seu nome fictício é *Scarlett*. Por fim, vale ressaltar que se optou por um estudo de caso em virtude do tempo disponível à pesquisa após a liberação do parecer pela Plataforma Brasil, como foi dito no tópico anterior.

4.3 Local

A pesquisa foi desenvolvida no próprio ambiente de trabalho da colaboradora, a saber, uma boate da classe média de São Luís. Por uma questão ética e de sigilo, a entrevista foi

gravada em um quarto fechado da boate, um dos cômodos em que a participante costuma atender aos clientes.

4.4 Instrumentos e materiais

Para este trabalho, utilizou-se o método qualitativo de pesquisa na forma de estudo de caso. Na abordagem qualitativa, busca-se aprofundar a compreensão dos fenômenos estudados, a fim de interpretá-los segundo os sujeitos que participam da situação. Assim, há interação entre o objeto de estudo e o pesquisador; registro de dados e, após, interpretação dos mesmos. (MINAYO, 2008). Dessa forma, foi utilizado o instrumento da entrevista semiestruturada, cujo roteiro está em **Apêndice C** para coleta de dados com a participante, a fim de se fazer um estudo de caso com base em seu discurso. Vale ressaltar que foram demarcadas informações sobre o perfil da colaboradora através de um quadro descritivo inicial, disposto em **Apêndice B**.

Além disso, a colaboradora entrevistada leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra em Apêndice A, autorizando o desenvolvimento da pesquisa e as gravações do áudio da entrevista através de aparelho telefônico. Posteriormente, os dados coletados foram analisados e discutidos com base em revisão de bibliografias recentes, as quais contemplam a temática da prostituição e das relações de gênero. Aqui, a ideia é favorecer a compreensão do discurso da profissional do sexo entrevistada, versando pelos objetivos propostos na pesquisa a partir do diálogo com a participante.

4.5 Procedimentos de coleta e análise de dados

Após a realização da entrevista semiestruturada com a colaboradora, os relatos foram analisados e apreciados com base na Análise de Conteúdo de Bardin, que consiste em um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 38). Tal procedimento segue etapas fundamentais para compreensão inteligível dos discursos. Inclusive, foram separados eixos específicos de análise categorizados com base na entrevista.

5. RESULTADOS

5.1 Perfil da profissional do sexo colaboradora

QUADRO DESCRITIVO INICIAL	
IDADE	24 anos
TEMPO NO OFÍCIO	3 anos
ESCOLARIDADE	Superior Incompleto
ESTADO CIVIL	Solteira
NÚMERO DE FILHOS	1 filha
RELIGIÃO	Cristã protestante
VALOR POR PROGRAMA	R\$ 150,00 líquido

5.2 Transcrição da entrevista

1) Como foi sua trajetória até a prostituição?

É, foi tipo assim... Eu me juntei nova, pelo fato de, assim... Eu creio que a maioria das meninas que hoje tá nessa vida já teve abuso sexual na família. Eu tive pelo meu tio, entendeu? Eu tinha 7 anos, mas não sei dizer muito bem sobre isso. Mas, eu quero esquecer até esse tipo de assunto, né, porque é muito chato. Eu entrei... Com 15 anos eu já tava no meio do mundo, conversava com todo mundo. Aí me juntei com o pai da minha filha, passei 3 anos com ele, tive ela e a gente largou. Completei 18 anos e eu vim pra cá. Passei um ano e pouco e fui embora de novo pra minha cidade. Então eu me juntei com outra pessoa. Passei quase 4 anos, 3 anos e pouco, aí não deu certo. Aí eu tava trabalhando, né... Tava trabalhando na ótica, tava tudo de bem, tudo normal. Tá. Peguei... aí a loja fechou, e vim pra cá de volta. Aí eu tava estudando. Como eu já tinha atrasado 4 boletos, eu disse "não". Eu vou pra lá, eu ganho até mais e passo poucos dias. Aí tá. Até então, eu comecei a passar 4 dias aqui e voltava. Em 4 dias, eu tirava em torno de R\$ 1800,00. Ia pra casa, aí eu voltava na quinta-feira à noite e

ficava quinta (eu chegava aqui de manhã), sexta, sábado e domingo. Aí segunda eu ia pra casa. Aí eu fui indo, fui indo, fui indo e disse "Não. Quer saber? Eu vou trancar e estudar em São Luís." Aí eu voltei pra cá mesmo, fixo, fixo já tem 8 meses. Eu aluguei uma casa pra mim, porque nem sempre eu quero trabalhar. Às vezes é chato, eu gosto da tranquilidade, eu gosto do silêncio, eu gosto do conforto. E aqui não... Certo que aqui é ótimo. Almoço, janta, café da manhã e tudo, a gente não paga nada. Mas falo a respeito do silêncio, que às vezes nem tanto as pessoas respeitam, né... A gente bebe todo dia, às vezes a gente se droga, não vou mentir, não nego. Às vezes a maioria dos clientes que vêm pra cá, vêm e cheiram muito. E às vezes a gente não transa. Aí nessa, tipo assim... Passa dois dias aqui com um cliente dentro do quarto se drogando, bebendo e tudo, tu tira uns R\$ 2000,00 sem fazer nada, nada, nada. É assim. Tipo... Tem um agora no meu quarto. Eu tava lá, até conversando contigo, eu tava lá. Desde aí eu tirei R\$ 450,00. Coisa de 1 hora e pouco, uma hora e meia.

1.1) E antes você morava onde?

Minha cidade mesmo?

1.1.1) Isso, você falou que voltava pra São Luís.

Santa Inês

2) De uma forma geral, fale sobre os pontos positivos do seu trabalho.

Às vezes, é... Depende da companhia da pessoa. Tem umas pessoas que são legais. Porque, tipo assim... De acordo com qualquer coisa, um cliente que cheira já fica transtornado, já entra num pânico. Tem outros, não, tem uns que já ficam calados. Uns que conversam muito. Uns que vêm pra desabafar sobre a família. A gente é tipo um psicólogo aqui pra eles. Assim... A gente conversa. Eu não, eu sei lidar com qualquer tipo de pessoa: bem, mau, ruim, é... quem conversa muito, quem não é... Eu sei acalmar, entendeu? Eu sei conversar.

2.1) Então os aspectos mais positivos vão depender do cliente?

Isso... Depende do cliente.

2.1.1) Por exemplo?

Tem uns que já são chatos demais, gente... Eu não aguento. Eu pego, saio e digo "Ah, fica sozinho". Eu pego e vou me embora. Pego e chamo outra menina. É assim...

2.2) *Já teve alguma situação que você lembra que foi muito interessante, que você gostou muito, algum exemplo que você possa trazer?*

Eu tive um amigo, que até hoje eu tenho comigo. Aliás, 3. Ele pode tá com qualquer pessoa dentro do quarto, mas ele sempre pergunta, ele chega pra mim... Ele me ajuda muito. Esses 3, no caso. Ele vem assim... "Scarlett, eu só confio em ti, ta? Eu boto meu litro de whisky. Chama uma amiga tua pra mim, mas uma que tu sabe que seja no meu estilo." Eu "ta bom" e chamo uma, vamos nós 3 pro quarto. Ele fica com ela, mas enquanto isso, o tanto que ele dá pra ela ele dá pra mim, entendeu? Do jeito que eu entro no quarto, eu fico. Eu fico vestida, eu fico sentada na cama, e ele bebendo... E curtindo, e cheirando junto com ele. "Ah, mas tu é viciada em droga?". Não, eu não sou viciada. Eu tenho meu controle e não me considero viciada. Eu sou só naquele "rock", só naquele momento, entendeu? São 3. Um tá viajando e hoje ele até falou comigo. O outro veio aqui um dia desses, ele veio e passou dois dias aqui dentro. Aí eu tô lá em casa e ele fica "égua, eu tô aqui gastando...". E ele gasta R\$ 3000,00...R\$ 4000,00 e pouco, aí "eita, eu tenho que depositar o dinheiro da Scarlett". Cara, ele sempre paga certinho. Ele é viciado em droga. Aí a moça que fica no balcão disse "por que tu não casa com ele, que ele é louco por ti, ele quer casar contigo...?". As coisas não é fácil assim. Tu acha? Eu gosto dele, eu tenho um carinho com ele, ele me ajuda e tudo. Mas tu acha que eu vou me casar com um viciado? "Ah, mas tu controla ele." E eu disse "eu não controlo ele", porque ele mesmo já disse que eu não vou controlar ele. E ele já saiu até numa clínica. Quem sou eu pra controlar uma pessoa, né? Ele... Não precisa ele beber. Ele só tá... Sente o cheiro da cerveja e já pensa em droga. Já quer cheirar. Aí ele roda isso aqui tudo. Gasta o dinheiro, tudo. Só de droga, por noite, ele gasta uns R\$ 1000,00 e pouco.

2.3) *Todo dia?*

Quando ele vem, é. Ele passa dois dias. No caso, umas duas a três vezes por mês ele vem. Ele tem dois empregos. Um ele tirou férias, e o outro ele foi suspenso. Até briguei com ele.

3) *O que lhe causa sofrimento no ofício?*

Tá longe da minha família, né? Da minha filha, aliás. Justamente, agora em julho, ela vai entrar de férias e eu vou trazer ela pra cá. O pai dela mora aqui. Morei aqui 3 anos e pouco quando fui casada com ele.

3.1) *A distância da filha...*

Sim.

3.2) *Tem mais alguma coisa...?*

Nem tanto a distância assim, porque todo dia a gente se fala, né? A distância, assim... Porque às vezes a gente sente falta de casa. Mas, eu sofria mais quando eu morava aqui dentro da boate. Mas como eu não moro mais aqui dentro, eu fico em casa, pra mim tá ótimo. Ela vem, passa o final de semana comigo e tudo... Agora tá perfeito pra mim.

4) *E como é que você se apresenta socialmente, quanto à sua profissão?*

Eu, aqui dentro, é uma coisa. Da porta pra fora eu sou eu mesma.

4.1) *E quem é você mesma?*

Eu sou uma pessoa legal, carinhosa, que esconde essa vida porque eu não gosto de me expor muito, entendeu? Tem umas que já gostam de se expor demais, já fazem questão de dizer... Pra que isso? Isso não é uma vergonha, mas é... Como é que pode dizer... Entre a sociedade, isso é uma discriminação ainda, né? Pra muitos, não... Mas, eu sou uma pessoa alegre, divertida, que esconde um pequeno detalhe dessa vida aqui...

4.1.1) *Por conta desse estigma, da sociedade...*

Sim. Poucas pessoas sabem.

4.1.2) *Mas aqui dentro, todo mundo conhece você pela profissão...*

Sim, aqui dentro sim.

5) *Além da prostituição, você tem outro ramo?*

Não, por enquanto não.

5.1) *Sempre foi assim?*

Não, eu já trabalhei na ótica, já trabalhei em loja. Eu já tive uma lojinha também, que vendia peças, essas coisas.

5.1.1) *Você era vendedora, então...*

Sim... Eu trabalhei como autônoma.

5.1.2) *Entendi.*

Mas só que eu optei por esse lado porque ganha mais, né? Nem sempre também... Aí, lidar com ser humano é foda, né?

5.1.2.1) Então, nesse caso, o dinheiro falou mais alto.

Por enquanto, sim.

6) Quais as suas expectativas para o futuro?

As minhas expectativas pro futuro são me formar, ter... uma condição de vida boa. Só que não pretendo ter alguém. Quero pelo menos focar nas minhas coisas, entendeu? É sobre isso.

7) De uma forma geral, como você percebe seu trabalho?

Eu percebo meu trabalho normal, comum, como um tipo de emprego qualquer, entendeu?

8) Espaço para suas considerações finais.

Eu gosto do que faço, sou feliz fazendo isso, ganho meu dinheiro honestamente... E pra mim tá ótimo do jeito que tá. Só que eu não pretendo ficar aqui pra sempre, entendeu? Eu quero ficar no máximo... acho que 1 ano. Depois de 1 ano, tá bom pra mim. Mas por enquanto eu vou indo assim...

6. DISCUSSÃO

6.1 Sobre o perfil da colaboradora

Com base nos dados iniciais fornecidos pela entrevistada, buscou-se traçar um perfil socioeconômico da mesma. Sendo assim, trata-se de uma prostituta da classe média. Scarlett, nome fictício dado à colaboradora, mantém uma filha em outra cidade, no interior do Maranhão, além de uma casa nas proximidades da boate em que trabalha. Cobrando cerca de R\$ 150,00 por hora de programa, pode lucrar mais R\$ 500,00 por noite. Com base em estimados 5 dias de serviço semanais, sua renda bruta mensal alcançaria os R\$ 10.000,00.

A participante é bem instruída aos 24 anos, possuindo nível de escolaridade superior incompleto, cujas despesas foram custeadas com os valores obtidos em seu trabalho de profissional do sexo, no qual atua na condição civil de solteira. Trabalho que, para ela, não é empecilho para manter sua prática religiosa, uma vez que exerce a fé como Cristã Protestante.

6.2 Análise da entrevista

Como já foi dito na seção **Metodologia**, optou-se pela *Análise de Conteúdo de Bardin*, um termo designado como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

Vale ressaltar, ainda, que esse procedimento consiste em 3 etapas, segundo Bardin (2011). A primeira delas, a *pré-análise*, consiste na organização documental do que se pretende discutir, através de uma "leitura flutuante" no primeiro contato com o material a ser analisado. Já a segunda etapa consiste na *exploração do material*, na qual é feita uma categorização sistemática dos dados brutos do texto em recortes, agregação ou enumeração. Isso pode ser feito com palavras, temas ou contextos, por exemplo. E finalmente, a terceira etapa consiste no *tratamento dos resultados*, em que os dados serão interpretados.

Dado o exposto, convém dizer os 4 eixos escolhidos para análise: *História, Prazer, Sofrimento e Consumo de substâncias*. O primeiro eixo vai servir de análise da história de vida da participante. O segundo, para se pensar os componentes prazerosos que sustentam sua prática. O terceiro, para se pensar os componentes de sofrimento aliados a seu trabalho. O quarto, por fim, para se discutir a relação da participante com substâncias psicoativas durante

o trabalho. Com isso, serão utilizados recortes da entrevista semiestruturada a qual Scarlett concedeu.

6.2.1 História

Sobre a História de Scarlett, existem muitos pontos que chamaram atenção. O primeiro, logo no início da entrevista, quando perguntada sobre sua trajetória até a prostituição, foi ter citado um abuso sexual aos 7 anos. Nas palavras dela:

Eu creio que a maioria das meninas que hoje tá nessa vida já teve abuso sexual na família. Eu tive pelo meu tio, entendeu? Eu tinha 7 anos, mas não sei dizer muito bem sobre isso. Mas, eu quero esquecer até esse tipo de assunto, né, porque é muito chato (Scarlett).

Uma vez que o abuso sexual na infância ocorre de forma traumática na estrutura psíquica, provocando em geral psicopatologias (depressão e ansiedade, por exemplo) que exigem atenção e cuidado, há de se pensar a forma como tal violência na vida da participante foi vivenciada ao longo de seu desenvolvimento. Aliás, trata-se de um abuso em âmbito familiar. Todavia, a entrevistada não dá detalhes sobre o abuso sofrido, nem comenta possíveis consequências sociais e afetivas ou se houve intervenção profissional no caso. Isso porque ela mesma afirmou querer esquecer o assunto, o qual considera *chato*. Sabe-se que a Psicologia possui ampla rede de ferramentas para que o profissional auxilie a vítima de um trauma a ressignificá-lo, contribuindo profissionalmente para a resiliência frente ao abuso.

De todo modo, a exposição ao abuso sexual na infância está relacionada a prejuízos a longo prazo, sendo fator de risco para o desencadeamento de uma série de desordenamentos psicológicos e funcionais (LIRA *et al.*, 2017). Na história de vida da colaboradora do estudo, a partir do material coletado, não é possível afirmar as razões exatas pelas quais ela "com 15 anos já tava no meio do mundo (Scarlett)". Porém, é inequívoco dizer que sua entrada na vida sexual foi marcada pelo abuso vivido na infância, um registro subjetivo que até hoje a mesma prefere não comentar.

Por outro lado, convém relatar que a pesquisa de Lira *et al.* (2017) apontou para a maior possibilidade de garotas abusadas na infância desenvolverem comportamento sexual inapropriado para a idade, de modo que algumas entram cedo no ambiente da prostituição. Isso porque o abuso vivenciado pode despertar curiosidades de cunho sexual em quem sofre a violência, uma vez que cada pessoa elabora o trauma ao seu mundo subjetivo. Assim, na pesquisa intitulada como "Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta", os referidos autores citam um trecho específico de uma participante entrevistada, a qual diz:

[...] acho que ser abusada pelo meu padrasto despertou a minha curiosidade e deu vontade de conhecer o sexo mais cedo, aí perdi minha virgindade aos dez anos e caí na prostituição (LIRA *et. al.*, 2017, p.4).

O caso acima assemelha-se ao de Scarlett por se tratar de abuso sexual na infância e entrada precoce no *meio do mundo*, conforme as palavras dela. Duas vidas, dois casos de abuso; várias consequências.

6.2.2 Prazer

Ainda na primeira resposta de Scarlett sobre sua história pregressa no que tange à prostituição, a mesma coloca o dinheiro como importante pilar de sua prática. Relata casos em que recebe o pagamento "sem fazer nada", já que o cliente deseja apenas sua companhia. Alguns lhe pagam para ser ouvidos, a fim de desabafar sobre a família, tratando-a "tipo um psicólogo" (Scarlett). Realmente, o fator dinheiro percorreu praticamente todo o corpo de respostas da participante do estudo, inclusive quase ao final, quando afirma que tivera outros ofícios, porém optou conscientemente pela prostituição porque ganharia mais. Isso mostra a forte atuação do dinheiro enquanto elemento motivador de sua permanência como profissional do sexo, custeando seus estudos, despesas pessoais e a casa em que reside. Nas palavras dela:

[...] Em 4 dias, eu tirava em torno de R\$ 1800,00. [...] E às vezes a gente não transa. Aí nessa, tipo assim... Passa dois dias aqui com um cliente dentro do quarto se drogando, bebendo e tudo, tu tira uns R\$ 2000,00 sem fazer nada, nada, nada. É assim. Tipo... Tem um agora no meu quarto. Eu tava lá, até conversando contigo, eu tava lá. Desde aí eu tirei R\$ 450,00. Coisa de 1 hora e pouco, uma hora e meia (Scarlett).

Outro aspecto apontado como positivo no exercício profissional da entrevistada diz respeito às companhias que o trabalho proporciona. Isso porque alguns clientes são considerados por ela como pessoas legais, motivo pelo qual gosta de estar ao lado deles. Alguns lhe convidam para o quarto enquanto fazem sexo com suas colegas de trabalho. Nesse meio tempo, Scarlett recebe o pagamento pelas horas em que esteve com o cliente, a despeito de não terem realizado atividade sexual. Dessa forma, ao priorizar determinadas companhias, lembra a trajetória de Lola Benvenuti, escritora brasileira em cuja biografia relata suas histórias como prostituta:

Se eu fosse me deixar reger apenas pelo dinheiro, estaria muito bem financeiramente, mas provavelmente não teria os melhores clientes do mundo, já que tudo seria uma troca meramente financeira (BENVENUTTI, 2014, p. 99).

Na história de Scarlett, isso é corroborado na medida em que ela comenta sobre os laços afetivos que foram construídos durante seu trabalho, citando formas como alguns clientes-amigos costumam se dirigir a ela. Parafraseando Guimarães e Bruns (2010, p.87), é

evidente que há uma relação não apenas comercial com os clientes, mas a possibilidade de conexões afetivas, marcadas pelo sexo e amizade. A esse respeito:

Eu tive um amigo, que até hoje eu tenho comigo. Aliás, 3. Ele pode tá com qualquer pessoa dentro do quarto, mas ele sempre pergunta, ele chega pra mim... Ele me ajuda muito. Esses 3, no caso (Scarlett).

6.2.3 Sofrimento

Quando questionada sobre aspectos negativos no trabalho, Scarlett aponta de imediato a distância da família como fator que lhe produz sofrimento, principalmente por estar longe da filha, embora conversem diariamente. Como a fala da colaboradora evidencia que ela deu à luz antes dos 18 anos, é possível considerar que sua filha possui, pelo menos, 6 anos de idade. Aqui, convém dizer que toda criança costuma demandar muito das figuras materna e paterna, fundamentais para seu desenvolvimento, educação e estabelecimento de habilidades sociais, em virtude da imaturidade no trato afetivo. A figura da mãe, portanto, é fundamental para o crescimento físico, social e psíquico da criança, segundo Silva Neto (1988). Por isso, há de se pensar os efeitos que a distância física da filha exerce sobre a relação entre ambas, além de possíveis consequências ao funcionamento psíquico delas. Como o jeito de ser de cada uma é atravessado por essas questões? Sobre si mesma, a participante do estudo diz ser "uma pessoa legal, carinhosa [...] uma pessoa alegre, divertida [...]" (Scarlett).

Por outro lado, apesar das características sobre a própria personalidade apontadas por Scarlett, que se apresenta como uma boa pessoa, não é só a distância da filha que parece lhe causar sofrimento. Isso se deve, também, ao fato de não poder afirmar a própria identidade em ambientes externos ao de trabalho. Isso, segundo a mesma, possui relação com o modo com que a prostituição é tratada pela sociedade, através de um estigma atrelado ao vexame. Por essa razão, ela fala que *não gosta de se expor muito*. Isso evidencia uma separação entre sua vida profissional e sua vida pessoal, uma vez que poucos conhecem seu trabalho como prostituta. Questiona-se, então, as possibilidades reais – para além do discurso – de Scarlett sentir-se realizada profissionalmente, uma vez que a realização pessoal está intimamente ligada ao reconhecimento social do trabalho (SILVA, 2011).

Sobre a questão discutida, Farinha e Bruns (2006) apontam que as prostitutas buscam se realizar na *sociedade do espetáculo*, comprando roupas de grife e buscando um reconhecimento de *status* social aliado ao poder. No entanto, embora já se tenha discutido na subseção anterior a importância que Scarlett atribui ao dinheiro, o valor ganho não tem poder sobre o estigma que a sociedade carrega a respeito do trabalho das profissionais do sexo,

desencadeando o que Bruns (2001) afirma ser uma felicidade ilusória. Talvez, até as companhias dos diversos clientes ao longo da jornada de trabalho sejam "ilusórias", no sentido de não poderem preencher um vazio que é próprio de cada ser em sua angústia singular. Vazio esse que muitas prostitutas tentam preencher socialmente. Sobre isso:

O outro é muito importante para a convivência, mas não para preencher a vida, não para dar sentido e significado a uma outra existência. A presença do outro ajuda, compartilhando, mostrando a parte dele, dando aquilo que não temos e recebendo aquilo que temos a dar, efetivando a troca. Mas o outro não é o elemento fundamental para saciar a angústia ou para minimizar a condição de solidão (LESSA, 2003, p.28).

Em outras palavras, Scarlett pode se sentir livre para se afirmar quanto à sua personalidade e suas produções subjetivas, mas é possível estabelecer um diálogo entre a literatura e o que se infere de seu discurso. Isso porque o excesso de companhias pode ser uma forma de esconder ou minimizar os sofrimentos oriundos de sua profissão, bem como a angústia que é própria do ser humano. Além disso, cabe dizer que ela precisa esconder seu ofício perante as pessoas externas ao ambiente de trabalho, vivendo aos moldes de uma identidade dupla. Ora, seria essa uma forma realmente saudável de se viver, "escondendo um pedaço da vida (Scarlett, 24)"? E o excesso de clientes pode preencher um vazio existencial?

Por esses questionamentos, vale ressaltar a visão de Gaspar (1988), que diz que o fato de uma mulher ser profissional do sexo representa apenas uma das partes da subjetividade e das relações sociais que lhe tangem. Muitas prostitutas, tal como Scarlett, realmente vivem em meio a uma vida dupla, com identidades distintas para cada situação; uma no trabalho e outra social. Para Bonifácio e Tilio (2016), isso se deve às adversidades que precisam ser encaradas no exercício da prostituição, as quais podem causar sofrimento a quem as enfrenta.

No caso da entrevistada, ser reconhecida como prostituta no trabalho, mas ser "ela mesma" longe dele parece uma estratégia para evitar possíveis consequências de sofrimento no âmbito social e/ou familiar. E isso deve contribuir para a manutenção de seu equilíbrio psíquico, uma vez que são as estratégias defensivas que evitam a tensão mental, criando no trabalhador a sensação de ser mais forte que a organização do trabalho (DEJOURS, 2012b). Aqui, pode-se dizer que "a organização do trabalho" no ofício de profissional do sexo ocupado por Scarlett seria a própria boate em que ela trabalha.

6.2.4 Consumo de substâncias

A utilização de substâncias psicoativas ilícitas no Brasil é uma problemática de saúde que ultrapassa a questão policial, no que diz respeito apenas à coibição e intervenção penal, já

que o número de dependentes químicos tem aumentado. Segundo dados de uma pesquisa realizada pelo governo há alguns anos, mais da metade dos milhões de adolescentes entrevistados já havia consumido álcool, e cerca de 9% teriam feito uso de drogas ilícitas. Os dados foram publicados a partir da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar do ano de 2015. De certa forma, o problema do consumo inadequado de substâncias não é restrito ao público adulto. Quando o consumo passa a ser descontrolado, prejudicando diversas áreas da vida do sujeito, principalmente quando o mesmo não consegue frear o consumo, designa-se a toxicomania.

No caso de Scarlett, que afirma consumir cocaína durante os programas com os clientes, inclusive quando não fazem sexo, existe a possibilidade de um desordenamento psicológico oriundo da toxicomania. Nas palavras dela:

A gente bebe todo dia, às vezes a gente se droga, não vou mentir, não nego. As vezes, a maioria dos clientes que vêm pra cá vêm e cheiram muito [...] "Ah, mas tu é viciada?" Não, eu não sou viciada. Eu tenho meu controle e não me considero viciada (Scarlett).

Uma vez prostituta que faz uso de drogas ilícitas, a entrevistada leva a discussão para o que Botelho (2003) chama de forma de suportar a rua, o fato de muitas garotas de programa utilizarem álcool e outras drogas na tentativa de amenizar os impactos e adversidades inerentes ao ramo. Por conta disso, muitas acabam desenvolvendo psicopatologias como depressão e ansiedade, de modo a questionarem até o sentido de sua existência. No caso de Scarlett, o fato de ganhar dinheiro honestamente sobrepõe a questão das drogas, por mais que elas atuem sobre os laços afetivos construídos no seu trabalho. Alguns clientes amigos até lhe pagam pelo tempo do programa, no qual não rola sexo, apenas para que se divirtam fazendo uso de álcool e cocaína juntos.

"Scarlett, eu só confio em ti, ta? Eu boto meu litro de *whisky*. Chama uma amiga tua pra mim, mas uma que tu sabe que seja no meu estilo" [...] Ele fica com ela, mas enquanto isso, o tanto que ele dá pra ela ele dá pra mim, entendeu? Do jeito que eu entro no quarto, eu fico. Eu fico vestida, eu fico sentada na cama, e ele bebendo... E curtindo, e cheirando junto com ele (Scarlett).

Além disso, a referida participante da pesquisa afirma que tal amigo é viciado, motivo pelo qual, apesar da sugestão de terceiros para que tivessem um relacionamento sério, ela nega a possibilidade.

Mas tu acha que eu vou me casar com um viciado? [...] Sente o cheiro da cerveja e já pensa em droga. Já quer cheirar. Aí ele roda isso aqui tudo. Gasta o dinheiro, tudo. Só de droga, por noite, ele gasta uns R\$ 1000,00 e pouco (Scarlett).

Enquanto afirma não controlar o cliente amigo, abre espaço para que seja questionada a forma como ela mesma controla o consumo pessoal de substâncias entorpecentes. Mais que isso, por quais razões utiliza as referidas substâncias citadas. Sobre a questão, Bonifácio e Tílio (2016) ouviram relatos de prostitutas que recebiam valor percentual referente ao consumo de bebidas caras pelos clientes das boates em que trabalhavam. Não fica claro se Scarlett recebe alguma vantagem financeira em virtude do que consome no trabalho, mas é evidente sua forte relação com as substâncias narradas por ela mesma.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prostituição feminina é um trabalho que resiste desde os primórdios da humanidade, atravessando toda as mais diferentes épocas. Mas, se um dia esteve envolvida com rituais sagrados, ou possuiu mais atenção do estado em determinadas regiões, a realidade brasileira do ofício ainda evidencia uma longa jornada a se caminhar contra o preconceito. Isso se deve à falta de políticas públicas eficazes para as prostitutas, bem como à leniência estatal quanto a projetos que versem pela regulamentação da referida prática. Como desconstruir estigmas e promover respeito a uma classe desamparada em tantos aspectos?

A presente pesquisa pôde clarear, na prática, essas e outras questões. Por exemplo, ainda no começo da entrevista, a participante afirma ter sofrido um abuso sexual aos 7 anos, e em seguida desvia do assunto por considerá-lo *chato*. A partir daí, buscou-se dialogar com os possíveis efeitos que o abuso lhe produzira, juntamente às possíveis intervenções da Psicologia em casos semelhantes. Comenta-se, ainda, um exemplo de uma pesquisa feita por Lira *et. al.*, em que uma das prostitutas afirma ter entrado cedo no mundo da sexualidade e da prostituição em virtude de um abuso sofrido. A própria Scarlett considera que *a maioria das meninas que hoje tá nessa vida já teve abuso sexual na família*. De tal modo, questiona-se: que ações o governo pode executar mediante histórias como essas?

Além disso, a presente pesquisa abordou o aspecto do consumo de substâncias, uma vez que a colaboradora afirmou fazer uso diário de álcool, além de *cheirar* com os clientes. Embora também tenha dito não se considerar viciada, sabe-se que o usuário de drogas costuma ter dificuldade para controlar o impulso ao uso da substância, geralmente sendo incapaz de admitir o impacto do transtorno sobre os seus padrões de vida pessoal, como apontam Alvarez *et. al.* (2014). Sendo assim, mais do que uma questão de trabalho, outra vez a prostituição feminina mostra-se uma questão de saúde pública. Evidentemente, não apenas em virtude da individualidade de Scarlett, mas por conta de todas as outras prostitutas que precisam fazer uso de substâncias para diminuir as tensões do trabalho, como já mostrava o estudo de Nappo *et. al.* (2004). Cabe, sim, a intervenção multidisciplinar de profissionais da saúde, como médicos e assistentes sociais. Em especial, há espaço para ações da Psicologia.

No que diz respeito às categorias de prazer e sofrimento, colocou-se em discussão alguns elementos da Psicodinâmica do Trabalho, que serviram de base para se analisar os aspectos considerados positivos e negativos no trabalho de Scarlett. Por exemplo, quando a participante do estudo afirma esconder o seu trabalho da sociedade, questionou-se como seria

a forma de reconhecimento em seu exercício profissional, já que este é um importante fator para que se vivencie o prazer no trabalho (RATES, 2015). Por outro lado, quando Scarlett afirma que o dinheiro lhe possibilitou pagar os estudos, além de curtir a companhia de clientes amigos, abre espaço para se pensar os componentes prazerosos de sua prática. A propósito, ela afirma que os aspectos positivos vivenciados na prática também dependem do jeito de ser do cliente. Muitos deles até pagam sem haver prática sexual.

Portanto, uma vez que a participante relata aspectos de prazer e de sofrimento em seu trabalho, e a literatura discute as duas categorias por diversos pontos de vista, é inequívoco dizer que elas se entrelaçam na prostituição. Ou seja, a prostituição feminina não é apenas envolvida por aspectos negativos, movidos pela mera necessidade, muito menos um mundo perfeito de prazer e satisfação. Ambas as categorias são percebidas no ofício. A análise do discurso de Scarlett e o diálogo com a literatura mostram que a prostituição feminina é imbuída de prazer e de sofrimento, como qualquer outro serviço. De tal modo, as prostitutas podem experimentar as duas formas de sensação, a depender de fatores que são próprios a cada uma.

Conclui-se que a presente pesquisa é fundamental para a desmistificação do trabalho desenvolvido pelas profissionais do sexo, as quais necessitam de políticas públicas voltadas à sua segurança e saúde. Mais do que isso, é importante pensar a garantia de direitos trabalhistas à classe, inclusive direito à escuta psicológica facilitada em serviços específicos. Mas, por ser um estudo de caso na cidade de São Luís - MA, convém dizer a importância de se estender a pesquisa a outras regiões do Brasil, atualizando as produções científicas sobre a prostituição feminina no âmbito da Ciência da Psicologia.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BONIFÁCIO, Rafaela Pereira Di; TILIO, Rafael De. Mulheres profissionais do sexo e o consumo excessivo de álcool. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2016, vol. 19, n. 1, p. 29-44.
- BOUYER, Gilbert Cardoso. Contribuição da Psicodinâmica do Trabalho para o debate: "o mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador". **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 249-259, Dec. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572010000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 Nov. 2018.
- BRUNS, Maria Alves de Toledo. A prostituição e sua nova embalagem. **Conversando sobre sexualidade**. São Paulo: Ômega. 2001.
- CARNEIRO, Anna Barbara de Freitas. **É possível ser prostituta e ser feliz?** Reverso, Belo Horizonte, ano 36, n. 67, p.25-34, Jun. 2014.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 4. ed. compact. Barueri, SP: Manoele, 2014.
- CORREA, Willian Henrique; HOLANDA, Adriano Furtado. **Prostituição e sentido de vida: relações de significado**. Psico-USF, Itatiba, v. 17, n. 3, p. 427-435, Dec. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712012000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 Nov. 2018.
- DA HORA MORAES, Pricília de Cassia. **CONSIDERAÇÕES SOBRE A DINÂMICA DE PRAZER E SOFRIMENTO NO AMBIENTE DE TRABALHO: uma revisão bibliográfica**. 2017. 67 f. Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, São Luís, 2017.
- DEJOURS C. **Trabalho vivo: sexualidade e trabalho (Tomo I)**. Brasília: Paralelo 15, 2012b.
- DEJOURS C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015. 168 p.
- DIMENSTEIN, G. **Meninas da noite: a prostituição das meninas escravas no Brasil**. São Paulo: Ática, 1992.
- FEIJÓ, M. E. V., & Pereira, J. B. Prostituição e preconceito: uma análise do projeto de lei Gabriela Leite e a violação da dignidade da pessoa humana. **Caderno de Graduação Ciências Humanas e Sociais**, 2 (1), 39-57. 2014.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. ampliada. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Thais Fabiane Jansen de Sá. **A regulamentação da prostituição em face do Direito Trabalhista**. 2017. 80 f. Monografia (Graduação) - Curso de Direito, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

FILHO, Luciano Ferreira Rodrigues. Prostituição: um estudo sobre as dimensões do sofrimento psíquico entre as profissionais do sexo e seu trabalho. **Rev. cient. UEM: Sér. ciênc. educ.** Vol. 1, N. 1, pp 114-123, 2014.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 116, p. 21-39, July 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-157420022000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 Nov. 2018.

GERNET, I. & DEJOURS, C. (2011). Avaliação do trabalho e reconhecimento. In: P. F. Bendassolli & L. A. Soboll (Orgs.), **Clínicas do trabalho** (pp. 61-70). São Paulo: Atlas.

GUIMARÃES, R. M. **Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso das mulheres prostitutas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto: 2007.

GUIMARÃES, R. M. **Garota de programa: uma nova embalagem para o mesmo produto**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LANCMAN, S. **O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho**. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Org.). Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho.

LESSA, Jadir Machado. **Solidão e Liberdade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: SAEP Ed., 2003.

LEITE, J. L. **República do mangue: controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)**. São Caetano do sul: Yendis, 2005. p. 142.

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho e et al . ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E SUAS REPERCUSSÕES NA VIDA ADULTA. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e0080016, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000300320&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 de Junho de 2019.

MAGNUS, C. N; MERLO Á. R. C. Clínica Psicodinâmica do Trabalho: a construção de um coletivo no real da pesquisa. **Rev. Polis e Psique**, Porto Alegre, V. 5, n. 3, p. 179 - 197, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v5n3/n5a11.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MARTIN, D. Riscos na prostituição: um olhar antropológico. São Paulo: **Humanitas** /FFLCH/USP: Fapesp, 2003. p.246.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

Nova Bíblia Viva. São Paulo - **Mundo Cristão**, 2010.

RATES, A. C. F. **"Quando eu ouço trabalho, dá cansaço, mas ao mesmo tempo, prazer"**: a dinâmica prazer e sofrimento no trabalho dos professores substitutos da Universidade Federal do Maranhão. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015.

REDEPROSTITUTAS. **Site da Rede Brasileira de Prostitutas**. 2018. Disponível em: <<http://www.redeprostitutas.org.br/>>. Acesso em: 22 de Novembro de 2018.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

ROSA, Iriane Rodrigues da; MILANI, Bruno. Significado do Dinheiro: um estudo sobre o comportamento de estudantes de nível superior. **RAIMED - Revista de Administração IMED**, 4(3): 369-380, ago./dez. 2014.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 152.

SILVA, Edil Ferreira da; COSTA, Daysse Beserra; NASCIMENTO, José Ulisses do. O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 109-122, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 Nov. 2018.

SILVA, F. P. A. . **Prostituição, vivências e mercantilização de corpos**. In: Enlançando Sexualidades II, 2011, Salvador. Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura, 2011.

SILVA, Mario Bezerra da. **Profissionais do sexo e o Ministério do Trabalho**. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XI, n. 59, nov 2008. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5233>. Acesso em 28 Ago. 2016.

APÊNDICES

Apêndice A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH - PSICOLOGIA

Pesquisadores responsáveis: Francisco de Assis Silva Lima e Dr. Thiago Pereira Lima.

Endereço: Av. dos Portugueses, n. 66, Cidade Universitária Dom Delgado

CEP 65085580 – São Luís – MA

Fone: (98) 3272-8335

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Sra. está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa “A prostituição em São Luís: um estudo de caso”. Neste estudo, pretendemos desvelar e compreender os principais componentes prazerosos e de sofrimento que sustentam o ofício prostitucional. Para tanto, pretende-se realizar um estudo de caso, com entrevista semiestruturada, com 1 prostituta de São Luís, cuja idade esteja entre 18 e 30 anos. A participante precisa ter, no mínimo, 6 meses de experiência.

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecida sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, inclusive se vier a sentir algum incômodo emocional durante a entrevista. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pelo pesquisador.

Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação no estudo não será liberado sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelos pesquisadores responsáveis, no centro local do estudo, e a outra será fornecida a você.

Nome da colaboradora	Assinatura	Data
----------------------	------------	------

Nome do pesquisador 1	Assinatura	Data
-----------------------	------------	------

Nome do pesquisador 2	Assinatura	Data
-----------------------	------------	------

Apêndice B

Quadro descritivo inicial do perfil participante

QUADRO DESCRITIVO INICIAL	
IDADE	
TEMPO NO OFÍCIO	
ESCOLARIDADE	
ESTADO CIVIL	
NÚMERO DE FILHOS	
RELIGIÃO	
VALOR POR PROGRAMA	

Apêndice C

Roteiro da entrevista semiestruturada

- 1) Como foi sua trajetória de vida até a entrada na prostituição?
- 2) Quais seriam os aspectos que você considera prazerosos na sua atividade?
- 3) O que lhe causa sofrimento em seu ofício?
- 4) Como você se apresenta socialmente quanto à sua profissão? Por quê?
- 5) Além do trabalho como garota de programa, você atua em outro ramo? Qual?
- 6) Quais suas expectativas para o futuro?
- 7) De uma forma geral, como você percebe seu trabalho?
- 8) Espaço para considerações finais.